



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

JOSIMAR PEREIRA DE SOUZA

***O HOMEM DUPLICADO: A REPRESENTAÇÃO DA PERDA DA
IDENTIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA***

SERRA TALHADA – PE

2019

JOSIMAR PEREIRA DE SOUZA

**O *HOMEM DUPLICADO*: A REPRESENTAÇÃO DA PERDA DA
IDENTIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Letras – Português/Inglês
como parte dos requisitos para obtenção do grau de
licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Nefatalin Gonçalves Neto.

SERRA TALHADA – PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729h

Souza, Josimar Pereira de
O HOMEM DUPLICADO: A REPRESENTAÇÃO DA PERDA DA IDENTIDADE NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA / Josimar Pereira de Souza. - 2019.
40 f.

Orientador: Nefatalin Goncalves Neto.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras,
Serra Talhada, 2020.

1. Duplo. 2. Identidade. 3. Saramago. 4. Sujeito. I. Neto, Nefatalin Goncalves, orient. II. Título

CDD 410

O *HOMEM DUPLICADO*: A REPRESENTAÇÃO DA PERDA DA IDENTIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Português/Inglês como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

Aprovada em: ____/ ____/ ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nefatalin Gonçalves Neto (ORIENTADOR)
(UFRPE - UAST)

Prof. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva (2º titular)
(UFRPE - UAST)

Prof. Dra. Maria de Fátima Silva dos Santos (3º titular)
(UFRPE - UAST)

SERRA TALHADA – PE

2019

A todos os professores que elencaram a minha trajetória na graduação, pela doação de cada um e pelos ensinamentos que transformam a sociedade e são esperança de uma sociedade cada vez mais justa e livre.

*É caráter próprio da arte, que é um ópio que não
faz adormecer, e sim, abre os olhos, o corpo, e o
coração para a realidade do homem e do mundo.*

(Edgar Morin)

AGRADECIMENTOS

A Deus por todos os dons; À família pelo apoio, ainda que distante, pelo fato de serem quem são e sempre se fazerem presentes em meu coração. Aos amigos Flávio Júlio, Paula Almeida, Joana Bezerra, Analidya Cabral, Julian Jeymison, Cris Silva, Wéliton José e Deustar Augusto pelo apoio, zelo, preocupação e carinho. Um agradecimento especial aos companheiros de graduação Jamile, Milena e Deivid, pois pudemos ter a oportunidade de atravessar juntos essa etapa e acompanhar a transformação de cada um nesse trajeto. A professora Andreia Andrade por me apresentar o autor José Saramago. Ao orientador Nefatalin Goncalves Neto pela receptividade, orientação e, sobretudo, pela generosidade. À Sandra por tudo.

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática do duplo na literatura a partir de representação de sujeitos contemporâneos e o diálogo entre literatura e sociedade. O estudo procura verificar e justificar a relevância da temática na representação das dualidades e dilemas existenciais do ser humano. Através do romance do autor português José Saramago publicado em 2002, o trabalho discute a questão da identidade no mundo globalizado. Centrado no encontro de dois homens perfeitamente idênticos, o romance de Saramago atribui longevidade a temática do duplo e a coloca em discussão no que diz respeito o quanto o tema do duplo é representativo enquanto crítica social. Ao longo do trabalho analisaremos questões teóricas do duplo, o enredo do romance e logo após as suas ressonâncias no contexto social. Teoricamente embasado por Sturat Hall (2005) o trabalho procura apresentar os reflexos de uma sociedade globalizada, automatizada, de grandes metrópoles e as consequências nos sujeitos contemporâneos, a fragmentação, os dilemas existenciais, crise de identidade, consequentemente duplicidade.

Palavras-chaves: Duplo, Identidade, Saramago e Sujeito.

ABSTRACT

The present work approaches the theme of the double in literature from the representation of contemporary subjects and the dialogue between literature and society. The study seeks to verify and justify the relevance of the theme in representing the existential dualities and dilemmas of the human being. Through the novel by Portuguese author José Saramago published in 2002, the work discusses the question of identity in the globalized world. Centered on the meeting of two perfectly identical men, Saramago's novel attributes longevity to the theme of the double and puts it into discussion with regard to how representative the theme of the double is as a social critic. Throughout the work we will analyze theoretical questions of the double, the plot of the novel and soon after its resonances in the social context. Theoretically supported by Stuart Hall (2005) the work seeks to present the reflexes of a globalized, automated society, of large metropolises and the consequences on contemporary subjects, fragmentation, existential dilemmas, identity crisis, consequently duplicity.

Keywords: Double, Identity, Saramago and Subject.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO I – A TEORIA DO DUPLO.....	13
3. CAPÍTULO II - O DUPLO NA LITERATURA DE SARAMAGO.....	20
4. CAPÍTULO III - DA DUPLICIDADE À IDENTIDADE	31
5. CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

Tema instigante dentro da literatura, a questão do duplo estabelece relação com várias áreas do conhecimento, despertando a curiosidade e a imaginação das pessoas. Por estes motivos, sua temática é sempre revisitada e atualizada ao longo dos tempos; muitos autores ao longo da história se dedicaram a criar narrativas que dão conta do encontro do eu com o seu outro e os desdobramentos que surgem a partir desse “encontro”. Um dos grandes motivos da popularidade do tema talvez seja um questionamento comum aos seres humanos, o famigerado “quem sou eu”. A partir desse questionamento, muitas áreas do conhecimento humano tentam responder ao anseio questionador; dentre tais áreas a arte, por exemplo, tem a capacidade de fazer com que os sujeitos repensem a sua realidade e dá a sua contribuição em forma de representação e análise crítica.

Por tais motivos, e recorrendo a gama de produções oriundas do universo da literatura, este trabalho tem por objetivo abordar o romance *O homem duplicado*, do autor português José Saramago, publicado no Brasil em 2002, como mote para discutir questões relacionadas à fragmentação do sujeito contemporâneo e a perda de sua identidade. De modo geral, o romance discute a relação entre o homem e o mundo globalizado como causa da existência de sujeitos múltiplos, cindidos e, conseqüentemente, com a identidade perdida. É a partir do encontro de duas pessoas idênticas, Tertuliano Máximo Afonso – um Professor de História – e seu sócio, Antônio Claro – um ator coadjuvante de cinema – que a discussão dessa temática se inicia. A partir desse contato inicial, o protagonista sofre mudanças drásticas na sua vida.

Neste sentido, a intenção é verificar através de fragmentos da obra, como Saramago aborda na literatura a questão da fragmentação do sujeito na sociedade globalizada e a perda de sua identidade. Para a realização desse estudo, o presente trabalho se detém ao teórico Stuart Hall, que publicou vários estudos sobre o tema identidade e modernidade. A partir de tais abordagens, em especial a explicitada no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, o objetivo traçado é compreender as estratégias ficcionais que fazem parte da crítica social feita pelo autor, identificar os elementos que fazem parte da identidade perdida do homem contemporâneo, como também observar através da arte, questões sociais complexas e traçar um paralelo entre literatura e sociedade.

Para a realização de tais propostas, daremos os seguintes passos: no **primeiro capítulo**, intitulado **A teoria do duplo**, realizaremos uma leitura dos conceitos teóricos da temática do duplo ao longo da história, as suas primeiras manifestações, representações em várias obras e o caminho percorrido até chegar à contemporaneidade, espaço temporal em que

o trabalho se desdobra. Nesse percurso, comentaremos, ainda, quais os autores que mais se valeram da temática, bem como os livros mais famosos que recorreram ao expediente em suas entrelinhas, assim como também trataremos do duplo endógeno e do duplo exógeno que, dentro dos conceitos do duplo, são as modalidades emblemáticas que fundamentam a ideia de duplicidade. Perceberemos ainda neste mesmo capítulo que a temática do duplo é anterior a história e que através das várias abordagens e das várias áreas do conhecimento em que ela foi exposta, sofreu transformações e possibilidades, sendo assim um tema recorrente sempre revisitado na atualidade por vários autores.

No **segundo capítulo**, intitulado **O duplo na literatura de Saramago**, abordaremos o enredo do romance *O homem duplicado* com o intuito de situar o tema do trabalho com o romance em questão, verificar como o autor atualiza a temática do duplo para a contemporaneidade através da sua obra e justificar a temática como uma das mais recorrentes nas representações artísticas ao longo da história. Tal passo servirá para reafirmar a importância da literatura enquanto representação social e instrumento de crítica social à realidade, assim como também entender as estratégias ficcionais que o autor utiliza em sua obra para representar ao mundo real e como os aspectos da globalização provocaram e provocam mudanças significativas no modo em que os sujeitos se reconhecem ao pulsar das mudanças estruturais. Através da escrita de Saramago apresentaremos também uma preocupação que ele demonstra diante da sociedade contemporânea e de todos os efeitos causados nos sujeitos, ou seja, a perda da identidade no mundo globalizado.

No terceiro capítulo, intitulado **Da duplicidade à identidade**, analisaremos a importância da temática enquanto representação de sujeitos, sobretudo na contemporaneidade e investigaremos como a temática, através da história, justifica a ficção como possibilidade de repensar a realidade, através das considerações do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall iremos situar o romance nos estudos sobre identidade e aplicaremos a sua teoria à ficção de Saramago para que assim possamos, através dessas áreas do conhecimento humano, fomentar a visão crítica e a percepção mais aguçada sobre as transformações que ocorreram no conceito de permanência e solidez das estruturas sociais, passando assim de uma sociedade estruturada para uma sociedade de mudanças constantes e velozes, uma vez que tínhamos o sujeito do iluminismo centrado em si próprio, passando para o sujeito sociológico que se dá pela relação que estabelece com o outro e atualmente o sujeito pós-moderno ou contemporâneo que se transforma continuamente em relação aos sistemas culturais que o rodeiam. Por fim, apresentaremos as nossas considerações finais, cujo intuito é de agrupar as reflexões realizadas, bem como encerrar nosso percurso por meio da apresentação estrutural do que realizamos.

2. CAPÍTULO I – A TEORIA DO DUPLO

Presente desde a mitologia até a ficção literária atual, a temática do duplo sempre serviu de estratégia ficcional para representar diversas questões, dentre elas a que versa acerca de identidades, sejam elas mitológicas ou contemporâneas. O seu desdobramento percorreu diferentes formas de representação, cada qual em sua época e com os seus recursos estéticos.

A humanidade sempre esteve cercada de elementos que remetem a dualidade, como por exemplo: masculino/feminino, vida/morte, claro/escuro, corpo/espírito, esses elementos fazem parte do que podemos conceituar como elementos existenciais. Temos também os elementos alegóricos como céu/inferno, Deus/diabo, anjo/demônio, entre outros. São muitas as narrativas ao longo dos séculos que abordam essa temática. Por se tratar de um tema intrigante, ele renova-se com o passar dos tempos e vai se transformando constantemente.

Na contemporaneidade, um dos contextos que realçam as abordagens e o uso desse recurso é com certeza o avanço dos estudos genéticos que visam à clonagem de seres humanos e animais. No campo da tecnologia, temos a possibilidade de criar duplos através de avatares em jogos virtuais.

As redes sociais também são um exemplo de como muitas vezes as pessoas simulam a realidade e através de seus perfis mostram um *outro eu*. O uso exagerado de redes sociais faz com que deixemos de ser protagonistas da nossa realidade, ainda que seja de certa forma a realidade e nos tornando meros produtores de conteúdo para a internet, ou seja, o sujeito abandona-se para dar vida ao sujeito virtual. Dessa maneira, a temática do duplo se afirma como um tema intrigante, provocador que sempre pairou no imaginário popular, percorrendo um caminho desde a antiguidade até os dias atuais.

Dentro do estudo da temática do duplo encontramos vários conceitos que consequentemente definem as várias abordagens que se dão a essa forma de representação de identidades nas diversas artes. São muitos os autores e estudos que dão conta de tentar explicar, conceituar e representar a fragmentação do sujeito e os desdobramentos advindos desse fenômeno.

O duplo pode ser entendido de diversas formas, como por exemplo, uma sombra, um eco, um reflexo, uma metáfora sobre a vontade do homem de se eternizar. Um dos conceitos que também se atribui ao duplo é a ideia de *alter-ego*, expressão de origem latina em que temos ‘*alter*’ (outro) e ‘*ego*’ eu, cujo significado literal é ‘o outro eu’.

Para entendermos melhor o conceito de duplicidade, tomemos como base as considerações de Cunha (2009) ao dizer que:

O conceito mais comum relativamente ao duplo é que este é algo que, tendo sido originário a partir de um indivíduo, adquire qualidade de projecção e posteriormente se vem a consubstanciar numa entidade autónoma que sobrevive ao sujeito no qual fundamentou a sua gênese, partilhando com ele uma certa identificação. Nesta perspectiva o DUPLO é uma entidade que duplica o “eu”, destacando-se dele e automatizando-se a partir desse desdobramento. (CUNHA, 2009, p. 83).

Nesse sentido a duplicidade de um sujeito pode ser entendida também como um processo de transformação vivenciada por ele quando se reconhece em outro ser, é uma composição em que aparecem um mesmo e um outro simultaneamente por meio de um processo de duplicação ou de divisão do eu. Vale considerar que esse processo de despersonalização nem sempre é pacífico e harmonioso. O duplo pode ocorrer em duas formas, nesse sentido temos a coexistência de maneira pacífica, com características positivas em um processo de identificação com o “eu” e o seu duplo, como também a coexistência com características negativas dentro de um processo de oposição.

Dentro dessas perspectivas, o duplo se divide em duas modalidades, o duplo endógeno e o exógeno. Segundo Cunha (2009):

O *DUPLO* enquanto extensão do sujeito (*DUPLO endógeno*) e seu perfeito desdobramento, partilha com este, traços evidentes que exaltam esse seu estatuto de “sombra”. Estabelece-se entre ambos uma relação de harmonia e cumplicidade. O inverso também é possível, se o *DUPLO* gerado a partir de um sujeito permanece enquanto seu contraste, confirmando-se uma relação bilateral de adversidade e oposição. Em ambos os casos, parece notória a noção de que o duplo, tendo tido a sua gênese em um sujeito determinado, sendo uma cópia do mesmo, uma mimese, não pode desfrutar do mesmo estatuto ontológico subjacente ao “eu” a partir do qual se originou. (CUNHA, 2009, p. 83).

O termo endógeno, em uma significação prática traz a ideia de algo que se origina do interior para o exterior de um organismo, ou seja, algo que surge do mesmo ser, uma divisão a partir de um interior. Para esse fenômeno temos uma definição semelhante para o duplo endógeno que é a ideia do duplo homogêneo, identidades opostas no mesmo indivíduo. Sobre essa característica Cunha (2009) ainda afirma que:

Nenhum *DUPLO* surge do nada. Um *DUPLO* forma-se a partir de um “eu” original que detém o conhecimento suficiente da sua interioridade, para a exteriorizar através de outra entidade que o imita, duplicando-o. Mas, sendo uma cópia, uma imitação desse “eu”, ele não é exactamente o “eu”. Deixa de poder ser confundido com o “eu”, pois a partir do momento em que é gerado, ganha autonomia e possui já uma outra essência, essência essa que apresenta uma différance relativamente ao “eu” original, passando a assumir-se como o *Outro*. (CUNHA, 2009, p. 83).

Apesar da ideia da duplicidade ser algo que se desdobra e que transcende o ser tornando-o “dois” o duplo endógeno parte do interior para o exterior e mesmo assim ainda estabelece um compromisso com a interioridade, é uma extensão do sujeito em seu perfeito desdobramento. Dentro desse conceito do duplo endógeno podemos citar algumas produções que seguem essa estratégia de representação, são elas: *O retrato de Dorian Gray* (1890) do escritor Oscar Wilde e *O médico e o monstro* de Robert Louis Stevenson.

Dando continuidade aos conceitos do duplo, temos agora o caráter exterior do duplo, entendido agora como duplo exógeno ou heterogêneo, algo que está para além das fronteiras do eu interior. O duplo exógeno por sua vez é conceituado como algo que:

(...) se configure como uma entidade que se formou algures, extrinsecamente a esse “eu”. O *DUPLO* pode ser mais do que uma parte integrante do “eu” e pode originar-se diferentemente sem que tenha de surgir necessariamente da sua interioridade. É possível alguém vir a reconhecer em outrém o seu *DUPLO*. Esse reconhecimento em que dois “eu(s)” se entendem análogos e partilhando uma identificação anímica, estabelece igualmente o aparecimento do *DUPLO* (*duplo exógeno*), desta vez, aplicado a cada um deles. (CUNHA, 2009, p. 83).

A partir desse aspecto, o duplo perde o seu caráter de singularidade, havendo uma quebra na unidade do sujeito, ou seja, uma fragmentação do *eu*. De acordo com Gonçalves Neto, “é da perspectiva da fragmentação de identidade que vemos instaurar-se o desdobramento do duplo homogêneo para o heterogêneo” (2011, p. 36), uma mudança antevista inclusive por Freud em seu artigo *O estranho*, de 1919. No artigo, há uma primeira parte em que o psicanalista analisa, inclusive, o conto de ETA Hoffman e suas relações com a temática do duplo para, posteriormente, valer-se de sua análise para problematizar questões psicológicas como o recalque e a repressão.

Uma vez que a temática caminha para uma fase de representação heterogênea, há o que podemos chamar de metáfora da busca pela identidade, fazendo com que o sujeito a busque de várias formas, seja em retratos, espelhos, ou em outro que nasce da sua consciência. Dentro desse conceito temos algumas obras que se enquadram nessa abordagem e compõem um acervo de autores que se utilizaram do conceito do duplo heterogêneo, são alguns deles: E.T.A Hoffman com *O homem de areia* (1816) e *Os elixires do diabo* (1815-16), Edgar Allan Poe com *A queda da casa de Usher* (1839) e *William Wilson* (1839), Dostoiévski com *O duplo* (1846) e Robert Louis Stevenson com *O estranho caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hide* (1855) que é considerada uma das obras mais famosas sobre duplicidade.

A temática do duplo, como constatado acima, esteve e está presente desde muito tempo na cultura humana, esse é um tema que traz à tona os aspectos sobre a identidade de sujeitos e dualidades vividas por seres humanos.

Ao considerar que a temática a que se propõe este trabalho percorre um longo caminho de existência no campo artístico, mitológico, bíblico e científico, se faz necessário, de maneira breve, apresentar o deslocamento do tema desde a época em que consideramos o seu início até o momento em que o mesmo se contempla na literatura contemporânea, área e espaço de tempo escolhidos para análise e discussão deste trabalho.

Sobre esse trajeto histórico percorrido pela temática do duplo, Gonçalves Neto afirma que:

Assim, o passando por transformações ao longo dos séculos, o mito do duplo atravessa gêneros literários, hermenêuticas e insere-se nas diversas culturas, valendo-se da sobreposição de imagens em um mosaico sempre mutante de motivos, com diversas variações. Jogo de espelhos e laboratório em que se operam transformações, ele atrai e anuncia obras e fatos do cotidiano (GONÇALVES NETO, 2011, p. 23).

Ao considerarmos um caminho histórico para a temática em questão, temos na mitologia o que podemos considerar a narrativa mais antiga que conta com a presença do duplo. Com a possibilidade de haver outras narrativas antes da de Gilgamesh mas por serem desconhecidas pela história, tomemos a narrativa em questão como referencial e marco histórico para iniciarmos a análise da tradição histórica que envolve a temática.

A epopeia intitulada Gilgamesh, que trata da história de um rei da cidade de Uruk, sul da Mesopotâmia que viveu provavelmente por volta de 2600 a.C., carrega traços que evidenciam a presença do duplo, aqui tratando-se da narrativa mitológica.

A duplicidade da narrativa de Gilgamesh se dá pela presença de elementos que denotam na relação de cumplicidade com Enkidu, um homem que vive de maneira selvagem e primitiva nos campos e que foi enviado pelos deuses justamente para derrotar Gilgamesh, uma vez que este aterrorizava o seu povo. Os dois tornam-se amigos e vivem muitas aventuras pelo mundo, e derrotando vários inimigos. No decorrer da narrativa, Enkidu tem um sonho e pede para a mãe de Gilgamesh interpretar, através dessa interpretação ele fica sabendo que um conselho de deuses tinha decidido matá-lo. Logo após a notícia, adoece e morre. Com a morte de Enkidu, Gilgamesh fica extremamente triste pela morte do amigo e procura uma maneira de ressuscitá-lo, é então que ele procura Utnapishtim, o único sobrevivente de um dilúvio e, também, o único a conquistar a vida eterna.

Ao encontrar Utnapishtim, Gilgamesh infelizmente não consegue a ressurreição para o seu amigo, no entanto consegue o segredo para a eterna juventude através de uma erva

encontrada no fundo do mar, o herói encontra a erva, porém uma serpente sente o seu cheiro e a rouba, fazendo assim com que o herói não consiga eterna juventude. Mesmo assim, volta para sua terra aclamado pelo seu povo.

O que temos acima se trata de um apanhado da narrativa de Gilgamesh que serve como mote para evidenciarmos a presença da temática do duplo na mitologia. A epopeia nos traz duas personagens que a princípio tem o objetivo de destruir uma à outra mas que no entanto se descobrem parte uma da outra.

Gonçalves Neto (2011) afirma que:

[]...Há trechos em que são linguisticamente marcados – por exemplo, quando o narrador revela que Enkidu é um duplo de Gilgamesh: ‘Um só não pode/ são estranhos/ é perigoso o caminho e um não/pode, mas dois/ dois.../ uma corda tripla não se rompe facilmente/ um leão valente não é capaz de vencer dois/de seus filhotes.’ (GONÇALVES NETO, 2011, p. 27).

A partir da breve apresentação da narrativa de Gilgamesh, inicia-se uma tentativa de traçar um caminho e os vários contextos em que a temática do duplo se inseriu e o tratamento que algumas épocas e algumas produções artísticas e alguns estudos científicos conferiram ao tema.

Vale citar que essa narrativa mitológica influenciou outras narrativas religiosas inclusive a bíblia que possui uma passagem semelhante ao de Utnapishtim, ou seja, a história de um homem que sobrevive a um grande dilúvio, no entanto o enfoque maior no que diz respeito a bíblia e ao tema desse trabalho se dá nas histórias de Caim e Abel e Esaú e Jacó. Ainda na narrativa bíblica temos também as dualidades presentes na história da criação do mundo como, por exemplo: luz e trevas, dia e noite, homem e mulher, principalmente a narrativa de Adão e Eva que conta a história de uma mulher criada a partir de um pedaço da costela de um homem, ou seja, seres e fenômenos distintos, porém complementares na sua existência por meio desse processo homogeneizador.

Tanto na história de Caim e Abel como na história de Esaú e Jacó temos dois irmãos que vivem juntos como partes complementares um do outro. São parecidos em tudo que fazem, até mesmo na relação com Deus. De acordo com Gonçalves Neto, na evolução do tratamento dado ao tema do duplo podemos notar que as narrativas míticas apontam para uma divisão, uma separação e, simultaneamente, para uma união, uma inteireza dos seres (2011, p.29). É nessa relação de divisão e união que o duplo se faz presente ao longo do tempo e da história, sendo ressignificado e adquirindo vários nuances, abordagens e representação a cada época.

É na literatura que esse trabalho se ampara para discutir a temática do duplo. É nessa arte que o tema se torna mais recorrente, se consolida e confirma ainda mais a literatura como

um caminho para se pensar o humano e representar a sociedade. A partir de suas relações estabelecidas com o contexto sócio histórico que a circunda, a literatura tem como uma das possibilidades a representação das sociedades, como também a oportunidade de lançarmos um novo olhar sobre os mesmos objetos.

A temática do duplo parte de vários pontos e pode assumir várias vertentes de estudo, várias teorias e vários objetivos, um desses objetivos é a questão das identidades, nesse caso as identidades fragmentadas. Na contemporaneidade especificamente, o sujeito fragmentado passa a ser alvo de representação literária, principalmente a partir do modernismo, e assume maior intensidade na literatura contemporânea, onde várias obras retratam o sujeito cindido, fragmentado e, também, o sujeito duplicado.

Segundo Gonçalves Neto, “Incessantemente moldado e remoldado pela literatura e por outras artes, cada época lhe confere feição conforme sua própria imagem” (2011, p.23). Apesar das várias manifestações artísticas darem conta do tema do duplo, assim como também ciências como Sociologia, Psicanálise e Filosofia, é na literatura que este trabalho se apoia para apresentar e discutir quais elementos fazem parte dessa temática tão recorrente e que influenciou e influencia tantas outras produções e autores e que transcende o campo artístico e se insere em questões de ordem social.

O foco desse trabalho é na contemporaneidade, no entanto é preciso traçarmos um trajeto do início da abordagem dada pela literatura ao tema. É então que no século XVIII, no período romântico nas narrativas denominadas fantásticas que a temática em questão ganha e força e é introduzida cada vez mais no universo ficcional tornando-se assim umas das temáticas mais significativas desta estética.

É com a introdução em seu romance chamado *Siebenkas*, publicado em 1796 que autor alemão Jean Paul Richter faz essa temática atingir o seu apogeu. O enredo do romance narra a história de um homem cansado e insatisfeito com a sua vida que a julga entediante, a partir desses fatos resolve fingir sua própria morte e assumir a identidade de outra pessoa, ele então decide abandonar a esposa e passa a viver muitas aventuras pelo mundo.

É nesse momento que surge o que podemos considerar o momento mais emblemático do duplo na literatura com o surgimento da figura denominada *doppelganger* que na tradição alemã significa duplo, um segundo eu.

Em consonância com o pensamento de Cunha e Gonçalves Neto, é com o movimento romântico que surge a figura do *doppelganger*, um ser que nunca era visto por ninguém a não ser pelo seu portador. O duplo é um sujeito que jamais se vê ao espelho, não se apresenta a ninguém e possui uma perturbadora autoconsciência de ser em duplicação. Com a proliferação

das literaturas de terror e de horror, o uso do duplo se torna um expediente de forte impacto psicológico, não como um morto-vivo, mas como um ser que vive para atormentar o protagonista ou para ajudá-lo a vencer seus medos e terrores.

No país de origem do autor o termo *doppelgänger* possui várias significações inclusive a de “duplicata andante”, uma réplica do indivíduo que anda por aí fazendo se passar por ele, como uma cópia espiritual ou um gêmeo demoníaco trazendo confusão à vida da pessoa. A definição do duplo dentro da cultura alemã é apenas umas das possibilidades de abordagem da temática, uma vez que existem tantas outras, suas formas de construção variam, assim como a sua forma de utilização, conforme o efeito a ser transmitido.

São muitas as obras, autores e áreas do conhecimento que utilizam a temática do duplo, seja no aspecto científico ou no aspecto artístico. É notável que existe um vasto acervo em um longo caminho percorrido por esse recurso representativo que tem na sua gênese possibilidade de repensar o humano e os seus aspectos existenciais. Cunha enfatiza que:

Na problemática do *DUPLO*, é frequente o desvanecimento entre os limites do Real e do fantástico. Assim, não é de estranhar que algo que até aí havíamos considerado como imaginário nos surja como real, ou que o *DUPLO* que representa e simboliza, se aproprie das totais competências e funções do “eu” de que é representação ou símbolo. Analogamente, devemos entender o *DUPLO* como uma entidade que evolui e se renova, actualizando o seu conteúdo, à medida que o “eu” se vai também desenvolvendo e criando em si-mesmo uma “consciência moral”. Cumpre-nos finalmente concluir que a temática do *DUPLO* é em si-mesma uma fonte quase inesgotável de acepções, resultando da sua aplicação um fascínio e uma polivalência assertivos. (CUNHA, 2009, p. 83).

Conforme a autora, o tema é fonte quase inesgotável de acepções, sempre revisitado e atualizado com o passar dos tempos. O recurso representativo que aborda a dualidade do ser humano alcança a contemporaneidade através do autor José Saramago com o Romance *O homem duplicado*. O tema do duplo na literatura ficcional no contexto contemporâneo serve de estratégia de representação do sujeito fragmentado, cindido. Analisar esse tema nos dias atuais tem uma importância significativa, pois apesar de ser um tema que vem desde a antiguidade, sempre se atualiza e sempre nos dará a oportunidade de adentrar no processo de conhecimento do ser humano à luz do tema do duplo com foco na questão da identidade perdida.

Evidencia-se também a ligação da literatura e da sociedade uma vez que, buscamos no romance em apresentar considerações sobre o processo de constituição da obra e qual o tratamento dado por Saramago ao tema, na intenção de compreender o momento atual e lançar uma visão crítica sobre a realidade.

3. CAPÍTULO II - O DUPLO NA LITERATURA DE SARAMAGO

Considerado um dos maiores escritores do mundo, o português José Saramago traz em suas obras muitos aspectos ligados a questões existenciais do ser humano, lançando quase sempre um olhar crítico sobre a realidade. É inegável que ao longo de toda sua obra há uma forte discussão acerca da condição atual da sociedade. O mundo globalizado, os modelos de sociedades, os grandes centros urbanos, o avanço tecnológico, o individualismo e tantas outras questões, são elementos marcantes na narrativa das suas obras, essas são alguns temas que compõem a sua forma crítica de se posicionar através da escrita.

Primeiro escritor em língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura, concedido em 1998, Saramago aborda em suas narrativas tanto temas históricos como por exemplo *Memorial do Convento* (1982) e *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) que dentre os elementos traz algumas questões acerca da história de Portugal, como também aborda temas que focam em protagonistas que funcionam como representação e reflexão filosófica acerca de problemas do sujeito contemporâneo, são exemplos os romances: *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *A caverna* (2000), *O homem duplicado* (2002).

Através dessas obras e do seu olhar sobre o mundo, Saramago lança luz sobre questões importantes sobre os indivíduos em sociedade e possibilita que a sua obra seja instrumento de reflexão, crítica e novas forma de pensar e repensar o humano contemporâneo que conseqüentemente é múltiplo. Nesse sentido, podemos estabelecer uma ligação entre a literatura e a representação da sociedade. Na medida em que vamos analisando o romance vamos também apresentando conceitos nele contidos para auxiliar na compreensão do momento atual e discutirmos a crítica à realidade presente no romance.

As considerações feitas acima servem para que entendamos a importância de Saramago para a literatura mundial tendo em vista a sua grandiosa obra e através dela as suas reflexões sobre o mundo. Em relação à temática do duplo, Saramago contribui para a atualização do tema e o trás para a contemporaneidade quando lança *O homem duplicado*.

Publicado em 2002, no romance, o escritor português retrata um acontecimento inusitado na vida de um professor de história: o encontro com uma pessoa fisicamente idêntica. O romance *O homem duplicado* conta a história da aparição de um sócio, António Claro, na vida do professor de história Tertuliano Máximo Afonso.

O romance mostra o protagonista na busca pelo seu idêntico e todas a situações derivadas dessa busca e do encontro dos duplos. Na narrativa, há algumas metáforas acerca dos

conceitos de identidade duplicada, ou seja, sujeito cindido, busca pela identidade, o embate entre as identidades, que usurpam e assumem o lugar da outra, todos esses conceitos presentes na obra ainda são realçados pela sociedade globalizada e todas as problemáticas que esse fator acarreta no sujeito contemporâneo.

A descoberta do ‘duplo’ se dá quando, casualmente, o professor assiste uma fita cassete, por indicação de um colega de trabalho, de um filme chamado *Quem porfia mata caça*, ao ver o filme na primeira vez o professor não encontra nada que fuja da normalidade, mesmo por que o colega que indicou o filme alertou que se tratava de uma comédia banal que iria entretê-lo por algumas horas, uma vez que o estava considerando triste, amargurado, depressivo.

O homem que acaba de entrar na loja para alugar uma casse vídeo tem no seu bilhete de identidade um nome nada comum, de um sabor clássico que o tempo veio a tornar rançoso, nada menos que Tertuliano Máximo Afonso [...] É professor de história numa escola de ensino secundário [...] vive só e aborrece-se, ou, para falar com exatidão clínica que a actualidade requer, rendeu-se à temporal fraqueza de ânimo ordinariamente conhecida como depressão (SARAMAGO, 2002, p. 9).

Logo nesse trecho do romance, que é exatamente o início, já podemos perceber uma marca muito forte que justifica a escolha da obra como uma das que contribuem para longevidade da temática do duplo, tema este que sempre esteve presente ao longo do tempo, variando apenas de acordo com a abordagem. Saramago fala em atribuir uma definição clínica exata para o que o protagonista sente, ou seja, o mal da atualidade, o mal do século, a depressão.

O autor nos apresenta Tertuliano como um homem sem perspectiva que exerce um trabalho o qual considera repetitivo e monótono, tem problemas nos relacionamentos amorosos, não gosta de entretenimento, as suas únicas distrações são relacionadas ao trabalho, a vida parece não fazer sentido para ele, seu cotidiano é superficial e automatizado.

É então que em uma determinada noite ao chegar do trabalho, Tertuliano como de costume, escolhe ao acaso sua refeição, corrige alguns trabalhos dos seus alunos e mais tarde decide ver o filme. Tertuliano Máximo Afonso riu por duas vezes, sorriu três ou quatro, a comédia, a par de levezinha, segundo a expressão conciliadora do colega de matemática, era principalmente absurda, disparatada um engendro cinematográfico. (SARAMAGO, p. 19,2002).

O filme aparentemente não agradou a Tertuliano, a intenção do seu colega de matemática era de fato alegrá-lo, no entanto não funcionou, Tertuliano vive apenas em função do trabalho, logo após terminar o filme voltou aos afazeres da escola se sentindo culpado por ter abandonado o ofício em troca de um filme com uma história banal.

Sentou-se à secretária, puxou para si, cuidadosamente, os exercícios de História, como querendo pedir-lhes perdão pelo abandono, e trabalhou pela noite adentro[...]levou para a cama o livro sobre as antigas civilizações mesopotâmicas, no capítulo que tratava dos semitas amorreus e, em particular, do seu rei Hamurabi, o do código. A cabo de quatro páginas adormeceu serenamente, sinal de que tinha sido perdoado (SARAMAGO, 2002, p. 20-21).

No entanto, o que parecia ser uma situação cotidiana para Tertuliano, se transforma em algo que mudará toda a sua rotina e toda a sua vida e o coloca no grande emblema da narrativa do romance, é o momento em que surge o que é considerado o seu duplo. Após ter visto o filme, voltado a trabalhar, retomado a leitura e adormecido, Tertuliano acorda com uma estranha sensação de que alguém invade a sua casa.

Acordou uma hora depois. Não sonhara, nenhum horrível pesadelo lhe havia desordenado o cérebro, não esbracejou a defender-se do monstro gelatinoso que se lhe viera lhe pegar à cara, abriu apenas os olhos e pensou, Há alguém em casa. Devagar, sem precipitação, sentou-se na cama e pôs-se à escuta. O quarto é interior, mesmo durante o dia não chegam aqui os rumores de fora, e a esta altura da noite, que horas serão, o silêncio costuma ser total. E era total. Quem quer que fosse o intruso, não se movia de onde estava. Tertuliano Máximo Afonso estendeu o braço para a mesa-de-cabeceira e acendeu a luz (SARAMAGO,2002, p. 21).

Ao se dar conta dessa presença ou da sensação de presença, Tertuliano caminha pela casa em busca de saber o que de fato está acontecendo. A presença em questão se dá mais pelas sensações do que pelo possível fato de que haja alguém realmente na casa do professor.

Tertuliano Máximo Afonso entrou na casa de banho e depois na cozinha. Ninguém. E a presença, ali, era curioso, pareceu-lhe que baixara de intensidade. Regressou ao corredor e enquanto se ia aproximando da sala de estar percebeu que a invisível presença se tomava mais densa a cada passo[...] Tertuliano Máximo Afonso murmurou em voz muito baixa, com temor, Era isto, e então, pronunciada a última palavra, a presença, silenciosamente, como uma bola de sabão rebentando, desapareceu. Sim, era aquilo, o aparelho de televisão, o leitor de vídeo, a comédia que se chama Quem Porfia Mata Caça, uma imagem que lá dentro havia regressado ao seu sítio depois de ir acordar Tertuliano Máximo Afonso à cama (SARAMAGO, p. 21-22).

Nesse momento, o protagonista se direciona ou é direcionado ao aparelho de TV ao qual assistira o filme momentos antes, após ter verificado que não havia ninguém em sua residência decide assistir o filme novamente, como se a sensação que ele tivera, de que havia alguém em casa, o encaminhasse para a sala e para a o aparelho de televisão:

Tertuliano Máximo Afonso levantou-se da cadeira, ajoelhou-se diante do televisor, a cara tão perto do ecrã quanto lhe permitia a visão, sou eu, disse, e outra vez sentiu que se lhe eriçavam os pelos do corpo, o que estava ali não era verdade, não podia ser verdade, qualquer pessoa equilibrada por acaso ali presente o tranquilizaria (SARAMAGO,2002, p. 23).

A descoberta do duplo deixa Tertuliano desesperado por inúmeros motivos, ele levanta várias hipóteses para o ocorrido, procura entender o que de fato está acontecendo, mas há algo que o preocupa mais e que aumenta seu medo em relação ao fato de haver um sócia seu:

Serei mesmo um erro, perguntou-se, e, supondo que efetivamente o sou, que significado, que consequências para um ser humano terá saber-se errado, correu-lhe pela espinha uma rápida sensação de medo e pensou que há coisas que é preferível deixá-las como estão e ser como são, porque caso contrário há o perigo de que os outros percebam, e, o que seria pior, que percebamos também nós pelos olhos deles, esse oculto desvio que nos torceu a todos ao nascer e que espera, mordendo as unhas de impaciência, o dia em que possa mostrar-se e anunciar-se, Aqui estou (SARAMAGO, 2002, p. 28).

A angústia e o estranhamento perante a situação se dão pelo fato de Tertuliano acreditar por algum momento ser um erro, uma cópia de outro, um erro genético. A partir daí ele levanta vários questionamentos acerca de toda essa situação como também da sua própria identidade, da sua existência. Dá-se início então a um jogo de perda e busca de identidade.

A Senso Comum funciona como uma personagem na narrativa de *O homem duplicado* e no desenrolar da história surge para Tertuliano na tentativa de orientar como ele deve agir para que não perca a prudência diante de tão inusitada situação, quanto Tertuliano começa a ser perguntar como agir e se deve agir, ouve do senso comum que:

Supondo que há uma pessoa que é uma cópia tua, ou tu uma cópia sua, e pelos vistos há mesmo, não tens nenhuma obrigação de ir à procura dela, esse tipo existe e tu não sabias, existes tu e ele não sabe, nunca se viram, nunca se cruzaram na rua, o melhor que tens a fazer é, E se o encontro um dia destes, se me cruzo com ele na rua, interrompeu Tertuliano Máximo Afonso, viras a cara para o lado, nem te vi nem te conheço, E se ele se dirigir a mim, Se tiver uma pontinha só que seja de sensatez, fará o mesmo, (SARAMAGO, p.31).

Apesar das considerações do Senso Comum, o protagonista inicia uma busca para descobrir quem é esse ator com quem tanto se parece, aluga outros filmes da mesma produtora na tentativa de encontrar no elenco informações sobre o ator em questão, é então que percebe que dentre muitos nomes um sempre se repetia, o ator se chama Daniel Santa Clara:

Andar à procura de um homem chamado Daniel Santa-Clara que não podia imaginar que estava a ser procurado, eis a absurda situação que Tertuliano Máximo Afonso tinha criado, bem mais adequada aos enredos de uma ficção policial sem criminoso conhecido que justificável na vida até aqui sem sobressaltos de um professor de História. (SARAMAGO, 2002, p. 133).

Apesar de complexa, Tertuliano faz toda essa busca sozinho, nenhuma das pessoas que está ao seu redor sabe da existência de uma “cópia” dele ou como ele teme, que seja uma mera cópia de uma outra pessoa.

Essa busca ficcional, solitária, silenciosa e interna remete ao fato dos dilemas emocionais do protagonista que servem de mote para discutir a busca dos sujeitos contemporâneos por uma identidade perdida, fragmentada. Sujeitos expostos a um mundo onde eles não são mais o centro e sim parte de uma engrenagem caótica que se tornou as sociedades contemporâneas.

A busca por Daniel Santa-Clara começa a ganhar traços de obsessão e faz com que Tertuliano acione várias maneiras para poder se encontrar com o ator e tentar desvendar esse mistério. Depois dessa descoberta ele aluga todos os filmes em que possivelmente apareça o ator, faz busca em listas telefônicas, o procura em locais públicos e chega ao ponto de enviar uma carta à produtora através da sua namorada, Maria da Paz, para obter informações sobre o ator. No início do romance temos um professor de história que leva uma vida banal, sem graça, como se já não encontrasse sentido nas coisas que faz e na vida que vive, após o descobrimento do duplo, o protagonista se transforma, se descobre astuto, determinado, estrategista, sua vida agora ganha um objetivo, um sentido, ele precisa encontrar o ator para assim possa também descobrir a si próprio, é então que se inicia o jogo das identidades.

Dias após o envio da carta à produtora na qual Daniel Santa-Clara trabalha, Maria da paz recebe uma resposta, o que acontece é que Daniel Santa-Clara é o nome artístico do ator Antônio Claro, Tertuliano descobre também o que mais lhe interessava que era o endereço do ator:

Do sobrescrito saem uma fotografia e uma folha de papel. A fotografia é de Tertuliano Máximo Afonso mas tem a assinatura de Daniel Santa-Clara por baixo das palavras Muito cordialmente. Quanto a folha de papel, não só informa que Daniel Santa-Clara é o nome artístico do actor António Claro como, adicionalmente título excepcional, dá a direção de sua residência particular.(SARAMAGO, 2002, p. 153)

A partir de todas as descobertas que vai fazendo, Tertuliano vai chegando cada vez mais perto do ator, já sabe seu endereço, já sabe que se chama na verdade Daniel Santa-Clara, mas apesar de saber o endereço, a tentativa de encontrá-lo pessoalmente não deu certo, ele decide então voltar para casa e tentar o contato por telefone mas ainda assim não consegue o contato direto com o ator, dessa vez quem atende a ligação é uma mulher:

Boas tardes minha senhora, mas a mulher, em lugar de responder no tom reservado de quem se dirige a um desconhecido de quem ainda por cima não pode ver a cara, disse com um sorriso que transparecia em cada palavra, Se é pra disfarçar, não te canses, Desculpe, balbuciou Tertuliano Máximo Afonso, eu vinha só pedir uma informação, que informação pode querer uma pessoa que conhece tudo da casa para onde ligou, o que eu desejava saber é se é aí que mora o actor Daniel Santa-Clara, meu caro senhor, eu me encarregarei de comunicar ao actor Daniel Santa-Clara, quando ele chegar, que Antônio claro telefonou a perguntar se os dois moravam aqui, não compreendo, começou o dizer Tertuliano Máximo Afonso para ganhar tempo, mas a mulher adiantou-se abruptamente, Não te reconheço, não é teu costume teres brincadeiras destas, diz de uma vez o que queres, a filmagem atrasou-se, é isso. (SARAMAGO, 2002, p. 159)

A naturalidade de Helena ao atender a ligação surpreendeu e confundiu Tertuliano, a voz de ambos é idêntica e Helena acreditara que quem estava na linha era o seu esposo, ela não fazia ideia de que quem estava na linha era o duplo, o máximo que ela entendeu é que o ator estava a brincar como a fato de possuir um nome artístico. Ainda acreditando que era o seu

esposo na ligação, Helena deixa claro que não há a possibilidade de duas pessoas com vozes tão idênticas e que a voz que chega aos seus ouvidos é a de Daniel Santa-clara. Após alguns instantes de conversa Tertuliano embaraçado com esse fato, Helena insiste para que ele volte a ligar em outro momento acreditando ser algum admirador, sem saber mais como agir nessa situação Tertuliano desiste da ligação. Não há coincidências destas, duas vozes tal como duas pessoas, podem ser mais ou menos semelhantes, mas iguais a este ponto, não, Talvez não passe de uma impressão sua, Cada palavra está a chegar-me aqui como se saísse da boca dele, Realmente custa a crer. (SARAMAGO, 2002, p. 160)

Após esse acontecimento e passado algum tempo, Tertuliano continua com o intuito de encontrar o seu duplicado, cada vez que fica mais próximo esse possível encontro vemos uma transformação cada vez maior do protagonista, os artifícios que usa, as estratégias e planejamento. Desde que teve conhecimento de que havia uma pessoa idêntica a ele na cidade, Tertuliano tem receio de que alguém também se dê conta dessa semelhança e a situação fuja do controle, com isso sente a necessidade de se disfarçar e vai até uma loja especializada para comprar objetos que ajudem a disfarçar a sua fisionomia e obtenha sucesso no encontro. Encontrar o seu duplicado é como encontrar-se, como se o ator fosse sua metade.

Quando pela primeira vez olhou a sua nova fisionomia sentiu um fortíssimo impacto interior, aquela íntima e insistente palpação nervosa do plexo solar que tão bem conhece, porém, o choque não tinha sido o resultado, simplesmente, de se ver distinto do que era antes, mas sim e isso é muito mais interessante se tivermos em conta a peculiar situação em que tem vivido nos últimos tempos, uma consciência também distinta de si mesmo, como se, finalmente tivesse acabado de encontrar-se com a sua própria e autêntica identidade. (SARAMAGO, 2002, p. 164)

A busca continua e a nova tentativa de contato de Tertuliano será através de outra ligação telefônica:

Poderei falar com o senhor Daniel Santa-Clara, perguntou Tertuliano Máximo Afonso quando a mulher dele atendeu, Suponho que é a mesma pessoa que ligou para aqui no outro dia, estou a reconhecê-lo pela voz, disse ela, Sim, sou eu, O nome, por favor, Não creio que mereça a pena, o seu marido não me conhece, Também o senhor não o conhece a ele, e apesar disso sabe como se chama, É natural, ele é ator, portanto uma figura pública, todos nós andamos por aí, mais ou menos somos figuras públicas, o número de espectadores a assistir é que difere, O meu nome é Máximo Afonso, Um momento. O auscultador foi deixado sobre a mesa, logo outra vez levantado, a voz de ambos irá repetir-se como um espelho se repete diante de outro espelho, sou Antônio Claro, que deseja, Chamo-me Tertuliano Máximo Afonso (SARAMAGO, 2002, p. 177).

Tertuliano enfim conseguiu falar com Antônio Claro, apesar da resistência da sua esposa o primeiro contato ocorreu, o professor apresentou todas os motivos e todas as semelhanças entre os dois que justificasse as ligações e um possível encontro, todos os pontos

de semelhança que apresentava era confirmado pelo ator, inclusive a semelhança das vozes e mesmo assim António não aceitou que o encontro acontecesse.

Saber que pela cidade existe uma cópia sua não incomodou António Claro num primeiro momento, no entanto toda essa história mexeu com sua esposa Helena, foi tomada por pressentimentos e sensações semelhantes inclusive a que Tertuliano sentiu ao se dar conta do seu sócia pela primeira vez:

Havia finalmente adormecido, durante duas horas conseguiu repousarão lado de seu marido António Claro como se nenhum homem se tivesse vindo interpor entre os dois, e assim provavelmente iria continuar até o amanhecer se o seu próprio sonho não a tivesse despertado de sobressalto. Abriu os olhos para o quarto imenso numa penumbra que era quase escuridão, ouviu o lento e espaçado respirar do marido, e de súbito percebeu que havia uma outra respiração no interior da casa, alguém que tinha entrado, que se movia lá fora, talvez na sala, talvez na cozinha, agora por trás desta porta que dá para o corredor, em qualquer parte, aqui mesmo. Arrepiada de medo, Helena estendeu o braço para acordar o marido, mas, no último instante a razão fê-la deter-se (SARAMAGO, 2002, p. 183).

A presença de Tertuliano começa a atormentar os pensamentos e a vida de António e Helena, eles chagam a conclusão de que ainda que ignorem a sua existência, ele continuará lá, a curiosidade de saber se existe alguém igual a você não passou despercebida o quanto António achou que seria:

Que vamos fazer com este homem, que tencionas fazer tu, Esta noite enquanto esperava o sono, pensei que devia ir falar com ele, mas agora não sei se será mais conveniente, Ou lhe abrimos a porta ou lhe fechamos, não vejo outra solução, de uma maneira ou de outra a nossa vida mudou, já não voltará a ser a mesma, está na nossa mão decidir (SARAMAGO, 2002, p. 186).

Após toda a inquietação causada pela presença de Tertuliano, António e Helena sabiam que não conseguiriam ficar em paz com essa história pela metade, é então que António claro decide procurar Tertuliano:

Bebia António Claro o último gole de café quando outra ideia lhe cruzou as sinapses do cérebro, a qual vinha a se meter-se no carro e ir dar uma vista de olhos à rua e ao prédio onde Tertuliano Máximo Afonso reside. [...] Primeiro foi Tertuliano Máximo Afonso a vir a esta rua dramaticamente mascarado, todo de escuro vestido numa luminosa manhã de verão, agora é António claro que se dispõe a ir à rua dele sem se cuidar das complicações que poderão vir de apresentar-se naqueles sítios de cara descoberta (SARAMAGO, 2002, p. 188-189).

O ator se utilizou das mesmas estratégias de Tertuliano para que o encontro acontecesse e esse mistério fosse revelado, porém assim como Tertuliano, António claro não obteve sucesso. Se disfarçou, fez ronda pela redondeza da residência, aguardou durante algum tempo para ver se assim surpreendia o professor, mas mesmo assim não se encontraram.

Após três dia da tentativa de encontro, António Claro telefona pra Tertuliano e marcam um encontro, ficarão frente a frente, dois homens que há pouco não sabiam da existência um do outro, agora estão prestes a se descobrir que são iguais. [...] indo direto ao assunto, pensei muito seriamente estes dias e cheguei à conclusão de que

deveríamos encontrar, É essa também minha opinião, não teria sentido que dias pessoas na nossa situação não quisessem conhecer-se. (SARAMAGO, 2002, p. 195).

Depois de algum tempo eles chegam a conclusão de que não podem encontrar-se em qualquer local, uma vez que ambos ficariam em uma situação embaraçosa na sua vida pessoa caso alguém os visse, eles não saberiam dar explicações de uma situação que nem mesmo eles sabiam o que estava a acontecer. Decidem encontra-se em um local afastado da cidade a fim de evitar que qualquer pessoa os visse. Passados seis dias do telefonema até o encontro eis que chega o momento em que ficarão frente a frente, escolheram uma casa em um sítio afastado, quando Tertuliano chegou ao destino, António já se encontrava a sua espera.

Ficaram parados a olhar-se. Lentamente, como se lhe fosse penoso arrancar-se desde o mais fundo do impossível, a estupefação desenhou-se no rosto António Claro, não de Tertuliano Máximo Afonso, que já sabia o que vinha a encontrar. Sou a pessoa que lhe telefonou, disse, estou aqui para que se certifique, pelos seus próprios olhos, de que não pretendia divertir-me à sua custa quando dizíamos que éramos iguais, Efetivamente, balbuciou António claro numa voz que já não parecia a de Daniel Santa-Clara, imaginei, por causa da sua insistência, que houvesse entre nós uma semelhança grande, mas confesso-lhe que não estava preparado para o que tenho diante de mim, o meu próprio retrato (SARAMAGO, 2002, p. 214).

Após o choque do descobrimento da semelhança assustadora, António Claro, ainda perplexo, quer saber toda a trajetória que Tertuliano fez para encontrá-lo e o motivo que o levou a essa busca, ambos iniciam um processo de verificação dos detalhes entre si, e a cada detalhe a semelhança se mostra cada vez maior:

As mãos eram em tudo iguais, cada veia, cada ruga, cada pelo, as unhas uma por uma, tudo se repetia como se tivesse saído de um molde. A única diferença era a aliança de ouro que António Claro no dedo anelar esquerdo. [...] António claro já tinha puxado a manga da camisa para cima, à distância a que se encontravam um do outro não se percebiam bem os sinais da pele, mas, quando se aproximaram de uma luz, eles apareceram, nítidos, precisos, iguais. Isto parece um filme de ficção científica escrito, dirigido e interpretado por clones às ordens de um sábio louco. (SARAMAGO, 2002, p. 215-217).

Após a análise de todos os detalhes, ambos chegaram à conclusão de que eram a cópia fiel um do outro, mas o fato da existência de um duplo pode seguir por caminhos não tão amistosos, pois uma dúvida começou a pairar sobre os pensamentos de António e Tertuliano, quem será o duplicado de quem, na visão dos dois o que nasceu primeiro tem *status* de ser o original enquanto o que nasceu após não passa de uma cópia, é nesse momento em que surge a ideia de ambos apresentarem a data e horário de nascimento:

E que importância terá dizermos um ao outro a hora a que viemos ao mundo, A importância que irá ter é que ficamos a saber qual de nós dois, você ou eu, é o duplicado do outro, E que sucederá a um e ao outro pelo facto de sabermos, Disso não tenho a menor ideia, porém, a minha imaginação, os atores também são dotados de alguma, diz-me que, no mínimo, não deverá ser cômodo viver sabendo-se duplicado de outra pessoa. (SARAMAGO, 2002, p. 218-219)

Depois de selado o acordo ambos decidem revelar data e hora em que nasceram, é nesse momento que fica provado que António claro nasceu primeiro, para ser mais exato ele informa que nasceu meia hora antes de Tertuliano. Dentro do que acreditam estar acontecendo, António Claro então atribui ao professor o *status* de duplicado:

Nasceu então a que horas, Às duas da tarde. António Claro pôs uma cara de pena e disse, eu nasci meia hora antes, ou, para falar com absoluta exatidão geométrica, pus a cabeça de fora às treze horas e vinte e nove minutos, lamento-o meu caro, mas eu já cá estava quando você nasceu, o duplicado é você (SARAMAGO, 2002, p. 219).

Após o encontro, o professor e o ator se despedem e voltam ao seu cotidiano, muito embora ainda houve a cogitação de fazer um teste de DNA para que se chegasse mais a fundo nesse mistério, todavia ambos concordaram que isso iria ser demasiado desgastante para os dois, pois iriam ter que aparecer juntos em muitas situações e isso poderia ser prejudicial para eles, principalmente para António claro que tem uma carreira artística em ascensão e via nessa situação a ameaça de perder tudo o que tinha conquistado até agora.

Ainda que tenham combinado que não voltariam a se encontrar, o incômodo da presença de um duplicado aumentava cada dia mais. Tertuliano que afirmara que foi o encontro apenas por curiosidade foi o primeiro a deixar o local onde se viram pela primeira vez, mas após alguns dias ele envia para António o disfarce usado por ele no encontro, o ator entendeu essa atitude como uma afronta feita pelo professor. A sensação de ofensa causada pela devolução do disfarce começou a causar problemas em sua casa, em seu casamento e no seu dia a dia:

A Helena têm-na ajudado muito os tranquilizantes, a prova é ver como está dormindo, com a respiração certa, o rosto plácido e ausente de uma criança, mas de quem não podemos dizer o mesmo é do marido, este não tem aproveitado as noites, sempre a dar voltas ao assunto da barba postiça, a perguntar-se com que intenções lhateria mandado Tertuliano Máximo Afonso, a sonha com o encontro da casa de campo, a despertar angustiado, algumas vezes banhado de suor (SARAMAGO, 2002, p. 231).

Após se sentir ofendido pelo professor com devolução do disfarce e enfrentar tantos problemas a partir disso, António Claro decide se vingar de Tertuliano e ao descobrir que na verdade quem tinha escrito a carta para a produtora de filmes tinha sido a noiva do professor ele decide procurá-la:

O que António claro acabou de pensar, por incrível que nos pareça, foi que levar a amante de Tertuliano Máximo Afonso para cama à falsa fé, além de responder a bofetada com uma bofetada mais sonora, será, imagine-se o absurdo propósito, a mais drástica maneira de desagrarar dignidade ofendida de Helena, sua mulher. Ainda que lho rogássemos com todo o empenho, António Claro não nos saberia explicar que ofensas tão singulares teriam sido essas que só uma nova e não menos chocante ofensa poderia supostamente desagrarar (SARAMAGO, 2002, p. 251-252).

O plano de vingança de António Claro não consiste em apenas se passar por Tertuliano e possuir Maria da Paz. Ele decide ir ao encontro do professor a contar sobre seu plano, na intenção de proteger a esposa, António Claro ameaça contar tudo para Maria da Paz caso Tertuliano tente impedir que o ator durma com sua noiva, com medo que a situação se agrave mais, Tertuliano não impede que eles se encontrem e ainda empresta suas roupas e o carro para que o plano não dê em nada errado. A passividade de Tertuliano em permitir que o ator dormisse com a sua noiva não demorou por muito tempo, ao ter certeza que António Claro já estava fora da cidade com Maria da Paz ele decide usar a mesma estratégia e se veste de António Claro, vai para sua residência e se passa por ele, encontra-se com Helena e também dorme com ela.

No dia seguinte, Tertuliano teme que António Claro retorne e o encontre em sua casa e a troca de identidades seja descoberta mas no mesmo momento parece não temer que seja desmascarado e permanece mais tempo com Helena como se já não tivesse mais nada a perder, no entanto com o passar das horas Tertuliano começa a achar estranho a demora do retorno de António Claro, é então que decide ir embora e telefonar para Maria da Paz. Tertuliano não imaginava que essa troca de identidades tomasse rumos tão desastrosos:

Pôs o carro em andamento, e foi só virar a esquina e compreender que não precisava para nada de pensar, que o que tinha de fazer era simplesmente telefonar a Maria da Paz, é incrível como não me ocorreu antes, teria sido por estar fechado naquela casa e dali não poder fazer a chamada. Poucas centenas de metros adiante encontrou uma cabina telefônica. Parou o carro, entrou de um salto e rapidamente marcou o número. Dentro da cabina fazia um calor sufocante. A voz da mulher que perguntou de lá, Quem fala, não era sua conhecida, Desejava falar com a Maria da Paz, disse, Sim, mas, quem fala, Sou um colega dela, do banco onde trabalha, A menina Maria da Paz morreu esta manhã, um desastre de automóvel, vinha com o noivo e morreram os dois, foi uma desgraça, uma grande desgraça. (SARAMAGO, 2002, p. 296).

Após a morte de António Claro e Maria da Paz uma série de desdobramentos ia surgindo em virtude da troca de identidades, muitas pessoas estavam envolvidas, inevitavelmente o que era um segredo entre os duplicados agora toma proporções maiores e cabe a Tertuliano tomar decisões muito difíceis para tentar amenizar a situação. Uma dúvida o atormentava, assumir a identidade de António Claro ou contar toda a verdade sobre os duplicados e revelar que quem morreu na verdade foi o ator.

Maria da Paz ao acordar nos braços do ator disfarçado constata algo de diferente, a marca de aliança, uma vez que Tertuliano não usava aliança desde que tinha se divorciado, logo não era possível possuir essa marca, é então que descobre que não se trata de Tertuliano. Ao voltarem para a cidade são vistos por uma testemunha que afirma que os dois discutiam no carro, motivo que levou a sofrerem o acidente fatal. Quanto a Helena, em meio a tragédia, na

tentativa de amenizar a tristeza propõe a Tertuliano que assuma a identidade de António claro, ele aceita:

Estou a dizer que fiques comigo, que tomes o lugar do meu marido, que sejas em tudo e para tudo António Claro, que lhe continues a vida, já que lha tiraste, que eu fique aqui, que vivamos juntos, Sim, mas nós não nos amamos, Talvez não, Pode vir a odiar-me, Talvez sim, ou odiá-la eu e a si, Aceito o risco (SARAMAGO,2002, p. 314).

Passado o sepultamento de António Claro, Tertuliano assume vez a sua identidade, é nesse momento que em sua nova vida em sua nova casa recebe uma ligação:

O telefone tocou, sem pensar que poderia ser algum dos seus novos pais ou irmãos, Tertuliano Máximo Afonso levantou o auscultador e disse, estou, do outro lado uma voz igual à sua exclamou, Até que enfim, Tertuliano Máximo Afonso estremeceu, nesta mesma cadeira deveria ter estado sentado António Claro na noite em que lhe telefonou. Agora a conversa vai repetir-se, o tempo arrependeu-se e voltou para trás. É o senhor Daniel Santa-Clara, perguntou a voz, Sim, sou eu, andava há semanas à sua procura, mas finalmente encontrei-o, Que deseja, Gostaria de me encontrar pessoalmente contigo, Para quê, deve ter reparado que as nossas vozes são iguais, Parece-me notar uma certa semelhança, Semelhança não, igualdade, Como queira, não é só nas vozes que somos parecidos, Não entendo, Qualquer pessoa que nos visse juntos seria capaz de jurar que somos gêmeos (SARAMAGO, 2002, p. 315).

Então descobrimos que a história não para. Há uma espécie de circularidade da narrativa, na qual o fim aponta para o seu início, e vice-versa. O que era duplo se torna múltiplo, as identidades vão se fragmentando, se dividindo, se multiplicando e criando novos enlaces e problemáticas. A temática do duplo abordada por José Saramago apresenta aspectos da contemporaneidade, crise existencial, sujeitos fracos diante de tudo que a sociedade atual oferece.

4. CAPÍTULO III - DA DUPLICIDADE À IDENTIDADE

Ao discutirmos a temática do duplo à luz da literatura, fazemos um exercício de reflexão sobre os sujeitos e o meio social em que eles estão inseridos. Ao longo do trabalho, realizamos algumas abordagens históricas sobre a duplicidade, alguns conceitos teóricos, trouxemos vários autores e obras que sustentaram a questão do duplo através do tempo. Vimos, ainda, como o autor José Saramago atualiza o tema e confere longevidade a ele. Um dos grandes fatores que exercem influência sobre os sujeitos é o meio onde ele se encontra. Ao longo do enredo do romance tratado de Saramago constatamos que a crítica feita pelo autor é justamente aos modelos contemporâneos de sociedade, às grandes metrópoles, à globalização e aos meios de comunicação. A fraqueza desses sujeitos se expõe diante desses inúmeros universos que ele experiencia o tempo todo. Os sistemas fixos de sociedade já não mais existem, tudo é fluido e se esvai em pouco tempo, os reflexos do meio em que vivemos atuam diretamente na construção e alteração das identidades dos sujeitos.

À medida em que evidenciamos a descentralização dos modelos sociais, a partir do início do século XX evidenciamos, também, a descentralização da identidade dos sujeitos. O teórico cultural e sociólogo Stuart Hall vem dizer que:

Velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p. 7).

Os sujeitos estão inseridos em várias categorias no meio social, sejam elas culturais, de classe, de gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, entre outras. Por muito tempo essas categorias foram fixas e sólidas, logo os indivíduos não tinham e nem precisavam ter uma preocupação com a questão da identidade, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER apud HALL, 1990, p. 43). Por ser algo sobre o qual não existia uma reflexão sistemática, os indivíduos, ao longo da história, se firmavam nessas estruturas sólidas e eram um reflexo dos modelos a que estavam submetidos. A ideia de um sujeito integrado, centrado, ao longo do tempo foi se desfazendo na medida em que as sociedades se transformavam.

A ideia de “crise de identidade” se baseia no fato de que há uma descentralização dos sujeitos no mundo social e dentro si mesmos. A relação entre o interior e o exterior é direta,

uma vez que os fatores externos ocasionam uma mudança na forma em que os indivíduos se posicionam e enxergam o mundo a sua volta. Ao nos projetarmos no meio social nós internalizamos os seus significados e valores e o fazemos parte de nós, dessa maneira o sujeito ao internalizar os aspectos culturais e sociais de uma determinada sociedade automaticamente se integrará a ela.

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade única e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas de cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, p. 12).

Para entender um pouco mais o processo de mudança dos indivíduos, três concepções de sujeito norteiam esse estudo no intuito de justificar o deslocamento das estruturas fixas que durante muito tempo atribuíram ao sujeito uma noção de identidade integrada. São elas, a ideia do sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo se baseava na ideia de um indivíduo centrado, unificado e dotado de capacidade de razão, de consciência e ação, onde o centro era o seu interior. A noção de sujeito sociológico nasce na ideia da complexidade do mundo moderno, onde o núcleo interior do sujeito não era autônomo e nem autossuficiente, mas se baseava na relação com o outro, nas interferências que o mundo exterior exercia nele - é a relação entre o interior e o exterior e os resultados dessa relação. A ideia de sujeito pós-moderno ou contemporâneo é justamente a noção mais acentuada de que o mundo exterior influencia a noção que temos de nós mesmos. Entendemos que, na verdade, nunca existiu uma identidade fixa, permanente, antes traços identitários que, para se completarem, necessitavam da intervenção do exterior. Ora, contemporaneamente, sabemos que os sujeitos não possuem um projeto pronto e finalizado de identidade, antes identidades transformadas e ressignificadas pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Dessa forma, os sujeitos assumem identidades diferentes nos diferentes contextos em que estão inseridos, nas diferentes formas de representação e paisagens culturais.

De acordo com Stuart Hall (2005):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Podemos observar essa qualidade do sujeito cindido, fragmentado e sem identidade fixa na figura de Tertuliano Máximo Afonso e, também, em António Claro. A personagem de Tertuliano é a representação desse sujeito contemporâneo, que sofre com crise de identidade e não consegue estabelecer relações sólidas com os papéis sociais que possui. Prova disso é a constatação do seu colega de trabalho, o professor de matemática, que ao perceber que o amigo sofre de depressão sugere que ele se entretenha assistindo a um filme.

É professor de História numa escola de ensino secundário, e o vídeo tinha-lhe sido sugerido por um colega de trabalho que no entanto não se esquecera de prevenir, não é nenhuma obra-prima do cinema, mas poderá entretê-lo durante hora e meia. Na verdade, Tertuliano Máximo Afonso anda muito necessitado de estímulos que o distraiam, vive só e aborrece-se, ou para falar com exatidão clínica que a atualidade requer rendeu-se à temporal fraqueza de ânimo ordinariamente conhecida por depressão. (SARAMAGO, 2002, p. 09).

O professor acata a ideia do colega e aluga o filme, chamado *Quem porfia mata caça*, no entanto com pouco entusiasmo pois sua rotina consiste em apenas trabalhar. Essa ação parada, triste, quase travada do início do romance reflete um dos aspectos de modelos da sociedade atual, a depressividade.

Tertuliano é um sujeito sem atitude, sem iniciativa, as suas escolhas são ao acaso, como por exemplo o fato de não saber se trabalha, se lê, se come ou se vai assistir ao filme:

Tirou de um armário três latas de diferentes comidas, e como não soube por qual decidir-se, lançou mão, para tirar a sorte, de uma incompreensível e quase esquecida cantilena de infância que muitas vezes, naqueles tempos, o tinha deixado fora de jogo, e rezava assim, um dó li tá, era de mendá, um suletecolorete, um dó li tá. Saiu um guisado de carne, que não era o que mais lhe apetecia, mas achou que não deveria contrariar o destino. (SARAMAGO, 2002, p. 16).

Tertuliano é um sujeito abúlico que tem problemas até para tomar decisões simples do dia a dia como o que fazer e o que comer, resultado de seus problemas existenciais, evidencia-se a incapacidade de enfrentamento do protagonista diante das adversidades impostas pelas estruturas sócias e emocionais e que está submetido.

Encontramos aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou metrópole anônima e impessoal. Exemplos disso incluem a famosa descrição do poeta Baudelaire em “Pintor da vida moderna” que ergue sua casa “no coração único da multidão, em meio ao ir e vir dos movimentos, em meio ao fugidío e ao infinito” e que “se torna um único corpo com a multidão”, entra na multidão “como se fosse um imenso reservatório de energia elétrica”; o *flâneur* (ou o vagabundo), que vagueia entre as novas arcadas das lojas, observando o passageiro espetáculo da metrópole, que Walter Benjamin celebrou no seu ensaio sobre a Paris de Baudelaire, e cuja contra partida na modernidade tardia é provavelmente, o turista[...] a vítima anônima, confrontado por uma burocracia sem rosto (HALL, 2005, p. 32-33).

Quando então decide ver o filme é que se inicia o processo de mudança de identidade. Quando Tertuliano vê a si próprio no aparelho de TV ele assume uma identidade totalmente

diferente da de antes, já se tem uma mudança, a situação insólita que surge no ficcional interpela a vida real do professor e o transforma em um sujeito totalmente diferente do que se tinha antes. O estranhamento e o horror de Tertuliano apesar de ser pela semelhança, tem uma origem mais profunda, a possibilidade de ser uma cópia de um outro “serei mesmo um erro, perguntou-se.” (SARAMAGO, 2002, p. 28).

A partir desse medo de ser a cópia de um outro surge um outro Tertuliano, o sujeito depressivo se torna atuante e começa a investigar, procurar em vários filmes pistas que o levem até o seu “sósia”, ele faz anotações, monta verdadeiros quebra cabeças para descobrir quem é o ator que é a sua cópia fiel, ele passa de uma postura apática para uma postura obstinada.

Agora temos mais uma versão do até então professor de história, um outro Tertuliano, o que assume a identidade de fã e perseguidor, uma vez que busca todas as informações e quer saber tudo sobre o ator Daniel Santa Clara. Manda carta, faz buscas em listas telefônicas, liga para a residência do ator, etc.

Num terceiro momento ele assume uma identidade de detetive pois para encontrar o ator, depois de descobrir o endereço e telefone, ele usa disfarces e persegue o seu duplo, transformando-o em uma espécie de caça.

Andar a procura de um homem chamado Daniel Santa-clara que não podia imaginar que estava a ser procurado, eis a absurda situação que Tertuliano Máximo Afonso tinha criado, bem mais adequada aos enredos de uma ficção policial sem criminoso conhecido que justificável na vida até aqui sem sobressaltos de um professor de história (SARAMAGO, 2002, p. 133).

Se em um primeiro momento Saramago apresenta Tertuliano como uma personagem amargurado, triste e abúlico ao que estava ao seu redor, a sua existência passa a ter sentido e ganha objetivos claros quando inicia essa busca obsessiva sobre a existência de um possível sósia, o ator Daniel Santa-Clara. As diversas estratégias de aproximação com o ator, afastou o professor de suas obrigações escolares que eram a sua única distração, elas agora passam a ter menos importância frente a busca incessante pelo duplo. Nesse sentido, mudança de identidade em relação a Tertuliano se dá através da realidade e da ficção.

Todos esses elementos representam a metáfora da identidade do homem contemporâneo, o enredo mostra que Tertuliano sai de uma identidade fixa e unificada para uma existência multifacetada marcada pela identificação que ele tem com um ator de uma história ficcional. Seguindo os conceitos trazidos aqui por Stuart Hall, esse primeiro momento do professor de história se enquadra no conceito do sujeito do iluminismo, ou seja, um sujeito centrado, unificado, que nasce e morre com uma mesma identificação, mas a partir do momento em que é interpelado pela existência de um duplo esse sujeito passa a ser o sujeito sociológico

e logo após o pós-moderno e/ou contemporâneo através da relação com o outro e do meio social em que estão inseridos. Neste sentido a figura do homem duplicado se projeta na realidade do sujeito contemporâneo. Há, no enredo, uma personagem que age e muda de identidade de acordo com a situação, com o local e com a necessidade. Ele se refaz e se reconstrói. A partir dessa ideia a literatura de Saramago possui grande relevância, uma vez que contribui para edificar uma visão crítica, dentre outras coisas, sobre o mundo globalizado.

Quanto a tal quesito, a aparição do duplo aparece para Tertuliano através de elementos que são característicos à globalização, um sistema onde tudo é integrado, tudo é volátil e cada vez mais imediato e prático, a produção cinematográfica na palma da mão de dentro de nossas casas.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia, e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas –desalojadas, de tempos, lugares e histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos e diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade seja como sonho, que contribui para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural” (HALL, 2005, p. 75-76).

Ao percorrer essas várias identidades, o professor de história se apresenta como um sujeito que sofre os efeitos dos modelos contemporâneos, ele se projeta na imagem de António Claro e se identifica com outro tipo de personalidade, conseqüentemente com outro modo de vida e outro modo de encarar a realidade na tentativa de se livrar da postura do homem racional, burocrático, indeciso e insignificante. É a possibilidade de alterar a sua realidade. A obsessão de Tertuliano por António claro é a clara metáfora da busca pela identidade, sua existência atual, apática e automatizada, ganha sentido através da busca pelo ator. A ideia de sujeito cartesiano e contemporâneo também sustentam a mudança de identidade de Tertuliano, onde ele no primeiro momento se enquadra a identidade do sujeito cartesiano, ideia fixa sobre sua existência e identidade linear. Contudo, essa ideiação fixa, pronta, cartesiana não consegue permanecer frente à realidade da identidade contemporânea. Sua ideiação cartesiana é influenciada pelo meio que o envolve, se tornando fragmentado e deixando de ser único, tendo sua subjetividade desintegrada. A realidade lhe causa estranheza frente as percepções a que é submetido.

Em oposição à figura de Tertuliano, temos o objeto de sua obsessão, o ator Daniel Santa-Clara que através da sua profissão representa a multiplicidade de identidades, uma vez

que seu ofício é dar vida e representar outros sujeitos. O ator é fragmentado por natureza, o mundo contemporâneo e suas características já fazem parte do seu cotidiano. Carrega consigo dois nomes, António Claro e Daniel Santa-Clara:

Do sobrescrito saem uma fotografia e uma folha de papel. A fotografia é de Tertuliano Máximo Afonso mas tem a assinatura de Daniel Santa-Clara por baixo das palavras Muito cordialmente. Quanto a folha de papel, não só informa que Daniel Santa-Clara é o nome artístico do actor António Claro como, adicionalmente título excepcional, dá a direção de sua residência particular. (SARAMAGO, 2002, p. 153).

Todas as características da vida do ator são totalmente opostas ao do professor, não tem emprego fixo, as vezes filma, outras não, vive de representar e sempre está dando vida a outras identidades e vivenciando novas experiências ainda que provisoriamente. Esse caráter provisório das identidades vividas por António Claro refletirá nos desdobramentos que surgem a partir do encontro dos dois, pois um fato de existirem dois iguais não teve um desenrolar pacífico dentro do universo de Saramago.

Há um espelhamento dos episódios, quando a personagem principal estava com a sua identificação de professor de história – identidade que o estava incomodando. Nesse momento surge António Claro, fato que muda totalmente o seu cotidiano, transformando o professor em um grande e perfeccionista ator. No momento em que Tertuliano Máximo Afonso se traveste em António Claro, ele passa a ser ator coadjuvante, assume o lugar do outro e assume Helena como esposa. É aí que surge então outro sócia, pondo em risco a nova identificação do protagonista. O professor, ao tomar conhecimento desse outro sócia, decide encontrá-lo com uma arma carregada em punho. Tertuliano caminha para esse encontro com a finalidade de pôr um fim nessa história e nesse processo de duplicação. O dilema das identidades não se finda, o impasse de Tertuliano e o sócia não termina. O aparecimento de outro duplicado reativa o conflito do protagonista indicando uma sucessão de processos de duplicação e crises de identidade.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantástico sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude. (HALL, 2005, p. 38-39).

O final do romance de Saramago e a consideração de Hall apontam diretamente uma para a outra, uma vez que ao assumir a identidade de António Claro, Tertuliano acreditava que

o jogo tinha chegado ao fim, todavia a necessidade de preenchimento, característica inerente a ideia de identidade, sempre irá fazer com que o jogo vire e continue a mudar.

5. CONCLUSÃO

Através do desenvolvimento deste trabalho evidenciou-se que a temática do duplo é um fato constante, por tratar de questões existências dos seres humanos, essa temática atravessou gerações e cada época da história com as suas modificações culturais lhe conferiram abordagens distintas. Este trabalho se deteve em mostrar como a temática do duplo contida no romance *O homem duplicado* de José Saramago contribui para a longevidade da temática e para uma possibilidade de entendimento da sociedade contemporânea, e como os sujeitos interpelados por esse modelo social são afetados. Através da representação literária, o autor tece uma crítica aos efeitos do mundo globalizado e através da ficção contempla nas personagens de Tertuliano Máximo Afonso e António Claro a perda da identidade na sociedade contemporânea.

Em um primeiro momento, no primeiro capítulo, trouxemos algumas teorias do duplo como forma de situarmos a temática dentro do objetivo esperado. Apresentamos alguns títulos e trechos de obras que se têm registros como sendo os primeiros de que se tem notícia, como por exemplo a narrativa de Gilgamesh. Dentro dos conceitos trouxemos as modalidades emblemáticas do duplo que são o endógeno e o exógeno, como eles operam e quais são os papéis de cada um dentro dos desdobramentos das representações das identidades.

No segundo capítulo trouxemos o enredo do romance *O homem duplicado* e vimos como Saramago incorpora a temática do duplo a sua escrita e como através da sua ficção retrata o sujeito fragmentado e múltiplo da sociedade contemporânea. Para dar suporte às considerações foram escolhidos trechos significativos do romance que contemplam no enredo o objeto de estudo. Através de comentários e interpretações dos excertos a composição do texto teve a intenção de apresentar elementos no texto que norteassem na estrutura narrativa os elementos que reforçassem a fragmentação do protagonista, evidenciando o caráter multifacetado do sujeito contemporâneo. O enredo apresenta um protagonista que vive em uma grande metrópole, ele atravessa uma crise existencial por não reconhecer qual a sua identidade no mundo, essa dificuldade remete a mesma dificuldade que os sujeitos enfrentam no mundo atual. Ainda no enredo do romance acompanhamos a mudança do protagonista ao se descobrir no outro, todas as suas ações e os desdobramentos ao longo dessa metáfora da busca pela identidade e como a narrativa se encaixa dentro dos conceitos do duplo.

No terceiro capítulo, o interesse foi situar a teoria do duplo e o enredo do romance com as considerações do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall e fazer com que esse trabalho

contribua para o entendimento do homem contemporâneo através da intertextualidade entre as diversas áreas do conhecimento humano. Stuart Hall traz em seus estudos através da obra *A identidade cultural na pós-modernidade* a ideia de que as mudanças ocorridas nas paisagens sociais e culturais exercem total influência nos sujeitos. Para a compreensão e entendimento das mudanças estruturais e nas sociedades e nos indivíduos, o autor traz as três noções de sujeito, o sujeito do iluminismo centrado em si mesmo e com a ideia de identidade unificada, o sujeito sociológico que se reconhece enquanto sujeito a partir da relação com o outro e o sujeito pós-moderno ou contemporâneo que se entende como um sujeito sem identidade, uma vez que está inserido em um modelo de sociedade fluido e de estruturas instáveis, com representações culturais e sociais em constante estado de mudança.

Dessa maneira Hall considera a noção de identidade como algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo que trazemos no momento do nosso nascimento. A identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo de mudança. Identidade é algo que não possui uma inteireza, automaticamente sempre estaremos buscando esse preenchimento em algo que está exterior a nós como também pelas formas que imaginamos ser vistos pelos outros. Hall (2005) diz que “nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes dos nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude”.

Por fim, tivemos a literatura como principal área de estudo e através dela foi possível entender como a representação literária contribui para a formação dos sujeitos e possibilita a reflexão. O seu jogo entre realidade e ficção permite ao homem se reconhecer e se transformar, assim como as sociedades se transformam o homem também se transforma e a literatura sempre será um recurso valioso para compreendermos o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Carla. **Duplo**. In: CEIA, Carlos. E-Dicionário de termos literários. 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo/>>. Acessado em: 02/10/2019.

GONÇALVES NETO, Nefatalin. **A ordem e o caos: Plauto e José Saramago**. São Paulo, SP: Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 2011. 157 p. (Dissertação - Mestrado em Literatura Portuguesa).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. São Paulo: DP&A, 2005.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. 2ª ed. - São Paulo: Companhia das letras, 2017.